

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra

Não sabendo como começar esta breve e desataviada oração, que o protocolo impõe, sirvo-me de uma metáfora para abrir o sulco inicial do verbo. Como anotou Ortega y Gasset, “só a metáfora nos facilita a evasão e cria entre as coisas reais recifes imaginários, floração de leves ilhas”¹. É real o momento que estou a viver, mas tenho dificuldade em assumi-lo, porque foi a coisa mais improvável e gratificante que me aconteceu nos últimos e largos anos da minha vida. Cito, pois, Fernando Pessoa para exprimir o sentimento que não cabe nas palavras:

“Atravessa esta paisagem o meu sonho de um porto infinito”,
assim significando que a generosa iniciativa da Faculdade de Economia, secundada pelo Senado da Universidade, encheu de gratidão a minha paisagem interior, fazendo-a transbordar na emoção infinita com que escuto, nesta Sala dos Actos Grandes, a surpresa da minha voz.

De facto, para quem nasceu há setenta e oito anos numa pobre aldeia do concelho de Penela, chamada Cumieira pela sua localização no cimo de um pequeno monte, que nunca aspirou a ser montanha, estava longe de sonhar com este agora que me acontece. Naquele tempo, as pessoas comiam o pão duro dos dias sem sol, viviam à míngua e morriam, em regra, sem assistência médica. Foi essa paisagem humana de sofrimento e

¹ *A Desumanização da Arte e Outros Ensaios de Estética.*

resignação que, sem metáfora nem retórica, despertou em mim o inconformismo activo perante as injustiças evitáveis e me fez um cidadão comprometido com o Povo e a Pátria. Anos mais tarde escrevi num livro meu: “Não me conformo com as pequenas injustiças. Aceito as grandes, porque são inevitáveis, como as catástrofes, e atestam a impotência dos deuses. Aquela criança, descalça, apenas precisava de uns sapatos. Se tivesse nascido sem pés, não era tão grande a minha revolta”². Creio que foi esta rebeldia, e também a minha intervenção cívico-social, para ajudar, embora modestamente, a construir uma sociedade mais livre, justa e solidária, que justificaram a alta distinção que me vai ser conferida. A criação do Serviço Nacional de Saúde, trave-mestra do Estado Social, iniciada no segundo governo de Mário Soares e concluída com a publicação da Lei 56/79, de 15 de Setembro, deve ter pesado nessa magnânima decisão. Sendo assim, é meu dever recordar intimamente todos os que ajudaram a concretizar essa grande reforma de Abril e os que têm lutado para não deixar apagar a luz de esperança que então se acendeu e que ainda bruxuleia no horizonte nublado de Portugal.

Magnífico Reitor:

Há cinquenta e cinco anos a Universidade de Coimbra concedeu-me o grau de licenciado pela Faculdade de Direito, que procurei dignificar,

² *As Noites Afluentes.*

como advogado, sabendo que nem sempre a Lei realiza o Direito e que só o Direito justo protege os fracos e os oprimidos. Agora peço, com o devido respeito, que me seja concedido o grau de Doutor *Honoris Causa* pela Faculdade de Economia, prometendo fazer tudo quanto em mim caiba para merecer a honra da distinção. Asseguro que continuarei fiel aos ideais da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, “filhos laicos do Evangelho”, na feliz expressão de Frei Bento Domingues³.

Termino com uma alegoria de carácter económico, por gratidão à Faculdade que me vai acolher entre os seus pares. No meu 5º ano jurídico, o Doutor Teixeira Ribeiro – que nomeio em homenagem aos mestres do meu Curso – leccionou-nos Economia e Finanças. Aprendi que a “moeda” é um conceito plurívoco entre os economistas, podendo significar meio de pagamento efectivo, simples unidade de conta ou **medida do valor dos bens**. Acolho a última definição e uso-a na sua implícita vertente moral, tomando aqui a palavra “bem” no sentido etimológico mais puro: o que é bom e virtuoso, o que nos faz felizes. E sendo assim, não há moeda nem ouro deste mundo que pague o bem que me faz e a felicidade que sinto pelo gesto magnânimo da minha Universidade. Vejo apenas uma forma de retribuir em pouco o muito que me dão: honrar este Doutoramento e dizer-lhe, Magnífico Reitor, na linguagem de meus pais e da gente da minha aldeia: obrigado, do fundo do meu coração.

³ *Público*, 13.04.2014.